

Como criar bons negócios e empregos na Amazônia?

Políticas capazes de promover a economia regional existem, mas precisam ser descobertas, não copiadas.

Por Salo Coslovsky

Salo Coslovsky é professor na Universidade de Nova York e pesquisador do Projeto Amazônia 2030



Mangas no Ver-o-Peso / Acervo Pessoal

A Amazônia precisa de muita coisa, e bons empregos no setor privado estão no topo dessa lista. Como podemos criá-los? Nas minhas andanças pela região e conversas com lideranças locais, identifico dois grupos de respostas.

Em um grupo, coloco os destemidos. Eles acreditam que o governo deve agir de forma decisiva para atacar o problema de frente, minimizam os riscos associados, e defendem o uso de isenções fiscais e subsídios generosos para promover a indústria de transformação. É uma estratégia consagrada, com longa história no Brasil e ainda muito presente no imaginário nacional. Essa popularidade é

compreensível. Isenções e subsídios agradam aos políticos, pois eles ganham pontos junto aos seus eleitores no momento que anunciam a iniciativa. E agrada também aos beneficiários, pois eles capturam um novo fluxo de recursos praticamente de graça.

No outro grupo, coloco os cautelosos. Eles não negam a escassez de negócios e empregos, mas não conseguem vislumbrar como o governo poderia tentar criá-los sem piorar ainda mais a situação. Por isso, concentram seus esforços na resolução de problemas mais tratáveis, como moradia, saneamento, saúde e educação. Essa abordagem tem respaldo de peso. Em 2020, Esther Duflo e Abhijit Banerjee, dois dos economistas de desenvolvimento mais respeitados do planeta, argumentaram na *Foreign Affairs* que tentar identificar fatores isolados que levam ao crescimento econômico é uma perda de tempo e que recomendar políticas específicas de crescimento é igualmente inútil.

Tanto os destemidos como os cautelosos cometem equívocos importantes. Os destemidos não conseguem aceitar que a indústria de transformação não é mais a escada rolante do desenvolvimento que já foi em décadas passadas. Até a China, maior potência industrial do planeta, está perdendo empregos na indústria. No caso da Amazônia, a recomendação de atrair indústrias é ainda mais temerária, pois os negócios que a região conseguiria recrutar são os mesmos que migram sem pestanejar para onde encontrem incentivos mais generosos. O maior problema dos destemidos, porém, é que os incentivos e as subvenções que tanto defendem não fomentam inovação nem eficiência. Pelo contrário, premiam a mediocridade ao mesmo tempo que criam grupos de interesses dispostos a brigar com fervor para que suas benesses não sejam canceladas.

Os cautelosos cometem um erro distinto. Não enxergam as múltiplas oportunidades que são específicas a cada lugar e cada momento e, por isso, não podem ser identificadas de antemão, publicadas em periódicos científicos, nem importadas prontas de fora. Elas precisam ser descobertas, negociadas e renegociadas ali mesmo, por quem está imerso no território. São como tesouros no fundo do mar, visíveis para quem mergulha e explora os diferentes recantos, mas invisíveis para quem flutua na superfície.

Na Amazônia, destaco uma oportunidade que merece muito mais atenção. Milhões de seus hectares de vegetação nativa já foram desmatados e permanecem subutilizados, quando poderiam ser rematados com cacau, açaí, café, pimenta do reino, maracujá, e outras espécies compatíveis com a floresta, capazes de gerar muitos empregos e muito valor agregado.

O problema central não é a ausência de demanda por produtos de base agroflorestal, nem a falta de vocação econômica da região. É o conjunto de escolhas que, ao longo do tempo, encaminhou a Amazônia na direção errada. Enquanto produtores da Amazônia continuam insistindo em perseguir uma prosperidade que a região nunca alcança, e seus líderes oscilam entre destemor e cautela, os seus concorrentes sediados em outros estados e países capturam a maior parte do valor sendo gerado nesses mercados hoje. Além disso, esses concorrentes aproveitam sua liderança comercial para desenvolver tecnologias, estabelecer padrões técnicos, e criar regras de comércio que asseguram sua liderança futura.

Para virar esse jogo, líderes regionais e nacionais precisam abandonar tanto a ilusão das fábricas movidas a subsídios e isenções fiscais quanto a convicção de que políticas sociais horizontais são suficientes para gerar prosperidade. O desafio é descobrir onde estão as oportunidades em cada setor e mobilizar ou desenvolver os instrumentos que podem ajudar aquele conjunto de negócios a prosperar, mas sem abrir mão do imperativo de competir. Não é simples, mas tampouco é impossível. Pode ser, inclusive, a melhor chance de gerar empregos duráveis, competitivos e enraizados na região.

Fonte: <https://www.estadao.com.br/economia/salo-coslovsky/como-criar-bons-negocios-e-em-pregos-na-amazonia/>